

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



O RETRATO DE CÉSAR

Dois actos em verso

THEOPHILUS

13

O RETRATO DE CÉSAR



ACTO I

A scena de dentro d'Alcázar. Um Salvo de guerra, repete-se.

Alcázar, porta da esquerda e da direita por onde se entra. A esquerda, porta para um quarto interior.

Alcázar de dentro para a esquerda (quarto interior) repete-se
em repetição: mesmo sentido que se vêem a direita das
duas portas, porém, repete-se para a esquerda, de dentro
para a direita, de dentro das portas das portas de dentro
para a direita, e dentro da porta e no quarto, a porta da direita
e a esquerda, mesmo sentido que se vêem, repete-se para a

Como outros anjos ribeiros
 Que passeiam nas alcatrizes
 De corações,
 E de que, lá espada em fogo,
 Mergulham nos pelagos
 Do mar e do ar,
 Assim este anjo saído do céu
 É também para ti
 Alma inquietada, alma infinita,
 O mistério alibi igual ao mundo,
 Pois nas coisas
 Que as pregas do divina manta,
 Ao silêncio da figura
 Estranha e musical
 Se ajoelam seus profundos cantos
 — Cantos latinos de alegria e dor.
 Vede, anjo, os cantos do mundo
 Balde as cores do nome e da coisa.
 E por que os homens se ajoelam
 E por que o mundo adormece
 No silêncio do mistério
 A alma canta, canta, canta...

Escrito em meados dos anos 30.

1945-46, *O Retrato de César*, in jornal *Aléo*.

O RETRATO DE CÉSAR

Peça em três actos

PERSONAGENS

CLÁUDIO, <i>o pintor</i>	1.º GUARDA PRETORIANO
LÍDIA, <i>noiva de Cláudio</i>	2.º GUARDA PRETORIANO
MÂNCIO, <i>o legionário</i>	3.º GUARDA PRETORIANO
VALÉRIO, <i>o poeta da Corte</i>	1.º CORTESÃO
CÉSAR	2.º CORTESÃO
VESPASIANA, <i>a mulher de César</i>	UMA DAMA DE COMPANHIA
O PROFETA	1.º CONSELHEIRO
AGESILAU, <i>o onzeneiro</i>	2.º CONSELHEIRO
O INTENDENTE	UM ALABARDEIRO
O GLADIADOR	MINISTROS
ESTILICÃO, <i>general</i>	CORTESÃOS
O GRANDE FLAMÍNIO, <i>sacerdote</i>	CONSELHEIROS
UM GENERAL	DAMAS DA CORTE



ACTO I

A oficina do pintor Cláudio. Um barracão de tijolo, revestido de gesso.

À direita, portal desengonçado e escancarado, por onde entra a luz. À esquerda, porta para um quarto interior.

Na parede do fundo, três ou quatro longas frestas rectangulares, aparentando menos janelas que seteiras, e através das quais o público poderá reconstituir pela imaginação, de mistura com ramos de árvores, um trecho dos arrabaldes de Roma.

Bem visível, a meio da cena e ao fundo, o altar doméstico, com a lâmpada acesa, rodeada dos penates, génios protectores

da família. A um canto, um depósito de barro. Perto de uma das frestas, sobre uma mesa tosca, um pedaço de mármore já experimentado pelo cinzel. Em cima de peanhas, alguns bustos e medalhões em baixo-relevo. Um fresco incompleto, na parede do fundo, representa um grupo de bacantes.

Ao lado esquerdo da cena está uma tela de vastas proporções, montada num cavalete e recoberta por um pano grosso.

Duas personagens: Cláudio e Mâncio. Cláudio, o pintor, veste uma túnica simples, de manga curta, ligada à cinta por um cordão; os pés descalços. Mâncio traja o uniforme de comandante de centúria.

No momento da despedida, ao subir o pano, Mâncio põe as mãos nos ombros de Cláudio.

MÂNCIO — Adeus, Cláudio.

CLÁUDIO — Como estás impaciente de partir, de encetar vida nova!

MÂNCIO — Confesso-te que estou. Ferve-me o sangue. Tenho a impressão de que sou chamado para grandes feitos.

CLÁUDIO — Nada te pode reter, amigo?

MÂNCIO — Dei a minha palavra e já me não pertencço. Roma doravante dispõe de mim.

CLÁUDIO — Na verdade pareces satisfeito.

MÂNCIO — Quanto um homem pode sê-lo.

CLÁUDIO — Oxalá!

MÂNCIO — Não acreditas?

CLÁUDIO — Receio que venhas a arrepender-te.

MÂNCIO — Que lembrança!... De que hei-de eu vir a arrepender-me? Creio que não avaliaste bem o que me sucede, Cláudio. Pois eu não te disse que ia ser o colaborador directo de Marco António, primeiro na Aquitânia, em breve no Egipto, na Trácia?

CLÁUDIO — Sim, Mâncio, vais ser o braço direito dum chefe ilustre. Tu próprio chegarás a cônsul um dia.

MÂNCIO — Por que não?

CLÁUDIO — Mas a pintura?... Nunca mais voltarás a ser pintor.

MÂNCIO — Bem entendido.

CLÁUDIO — E no entanto houve tempo em que pensavas de modo diverso.

MÂNCIO — Entreguei-me às belas-artes quase com fúria, até que dei pela existência de Roma. Agora que toma corpo a minha vocação, compreendo que vivi anos à espera. Eu sentia o desconforto destas quatro paredes e, de quando em quando, uma opressão, uma falta de ar. Valia-me a tua presença, Cláudio. A sós comigo, eu começava a sofrer e pensava: aonde me levam tantos sonhos inúteis?... Agora sei a causa. Eu sofria de andar esquecido de Roma, apartado dos largos movimentos em que o Império se transforma aos olhos do universo.

CLÁUDIO — Iludiu-me a tua amizade, Mâncio. Cuidei que persistias por amor da beleza, e era só por mim, afinal.

MÂNCIO — Também por orgulho. Eu queria manter a palavra dada.

CLÁUDIO — Jurada, Mâncio, jurada!

MÂNCIO — É certo... Há quanto tempo! Parece que um deserto separa o garoto que eu era então do homem que me tornei... Foi durante a campanha memorável da Comagenia. Aqui nos juntámos os cinco, entusiasmados por uma leitura de Platão e um passeio nos jardins de César, por entre estátuas. Cada um jurava dedicação eterna à divindade que acabava de entrever.

CLÁUDIO — O Túlio abalou meses depois.

MÂNCIO — E, nesse mesmo Inverno, o Semprônio fez-se comerciante de escravos.

CLÁUDIO — O Fábio aguentou até à Primavera.

MÂNCIO — Tão assustado e alheio! Não sabia dizer do que andava em procura. Levantou voo em Abril, como as aves de arribação.

CLÁUDIO — Chegou a tua vez, Mâncio.

MÂNCIO — Com efeito. E a tua, quando chegará?

CLÁUDIO — Eu, é diferente! Os maiores triunfos que povoam os meus sonhos cabem perfeitamente nesta oficina. Outros passaram, à laia de cometas, pelo mundo das cores e das formas. Eu criei raízes, como as plantas.

MÂNCIO — Assim pois, Cláudio, não ambicionas fortuna igual à minha?

CLÁUDIO — Que queres dizer?

MÂNCIO — Que acho natural te seduzisse uma tarefa intensa e forte, um alargamento de horizontes.

CLÁUDIO — Onde poderia eu encontrar mais amplidão, mais liberdade que no estudo da beleza?

MÂNCIO — Tu, Cláudio, é possível. Tens a fé no teu génio, que te serve de lança e de escudo. Mas a Lúdia, a tua noiva?... Olha que a adversidade é má conselheira. Uma jovem assim viva e inteligente, apertada pela miséria e sem egoísmo bastante para buscar refúgio no ideal...

CLÁUDIO — Deveras, o ideal é masculino.

MÂNCIO — ... há-de sofrer a tentação do banal conforto, uma liteira, um ramo de flores, uma iguaria, um perfume. Os seus nervos amplificam os ecos que transpõem os muros dos palácios. A boca cala, mas o seio palpita. Podes crer na minha experiência.

CLÁUDIO — Esqueces que em certas mulheres as razões da alma riem-se dos apetites da Natureza.

MÂNCIO — Em certos homens, porventura. Nas mulheres reina o instinto: a alma é como folha seca vogando ao sabor do temporal. Quem dá por ela!

CLÁUDIO — Decididamente, a experiência humana é muito menos instrutiva do que julgam os sábios. A tua sabedoria enche-me de confusão. Ponho na minha ideia a Lúdia, toda nobreza, toda candura... Mas tu sabe-lo tão bem como eu, tu que a viste diariamente, durante quatro anos, trazer a luz e a alegria aqui dentro.